



Luiz Carlos Marques Cardoso

Afluentes do São Francisco

Rio Paramirim

Nascimento

Nas alturas do Pico das Almas

Na Chapada Diamantina

Terra de Érico Cardoso

Meu corpo em si germina

Rasgando pesado rochedo

Com coragem e sem medo

Vou em busca de minha sina.

Sou velho como a Terra

Sou eterno como o Sol

Gota a gota vou tecendo
O meu exuberante lençol
Por onde meu corpo passa
Como uma flecha mágica
Vou servindo-me ao anzol.

Ao nascer para a vida
Nasce para algo maior
Sem conhecer o caminho
Com desafios a dá nó
O ser que agora vaga
Germinando sobre o nada
Certo dia voltará ao pó.

É preciso correr solto
Vencer é preciso o tempo
Preciso é ser preciso
Derrotar o dia e o vento
Cair e logo se erguer
Sofrer sem muito padecer
Para obtenção de talentos.

Nascer é desta maneira
Despencando em dado lugar
Em meio a feras ou flores
Sem saber por onde remar
Perdidamente se encontra
No mar infernal de lama
Na obrigação de lutar.

Não existe um caminho

Apenas cada estrada
Linha a ser preenchida
Na branca cor da página
De uma vida que se inicia
Ao horizonte principia
Dedilhando em jornada.

Primeiros Passos

Sou um rio
Por isso rio
Rio de água
Rio de vida
Sou um rio
Que corre solto
Rio da flora
Rio dos outros
Sou um rio
Por isso rio
Rio dos baixios
Rio do morro
Sou um rio
Por isso rio.

Como é ser um ser
Que transcende o ser
Como é nascer
Que se diz crescer
Como é viver
Que implica poder
Como é morrer

Para quem quer viver.

Em um sorriso de bolhas

Nasço

Sem muito alarido

Às vezes

Em canto de pássaros

Nascer é tudo

Um assovio

O começo do nada

Início do fim

Mero sorriso

Um toque sério

Um gostoso afago.

Quem me ver nascer

Pequeno e frágil

Ignora o entardecer

Deste meu anonimato

Que se alarga constante

Pulsando em notas

Um pouco radiante

Sem nunca imaginar

Ou mesmo idealizar

Que me tornarei um gigante.

Meu Corpo

Sou uma serpente

Que pelas terras cresço

Meu começo não ver o fim

Tampouco o fim o começo
Sou uma serpente
Mereço apreço
Do meu sangue nasce vida
Tudo na vida tem seu preço.

Sou uma serpente
Exijo respeito
Sem mim só há morte
Não há ser nem sujeito
Sou uma serpente
Serpenteando desço
Fertilizando o sertão
Com graça e jeito.

De algumas gotas d'água
No alto da montanha
Caminho para existir
Como faz as manhãs
Que nas suas criancices
Não recebem nada só ganham
Meu corpo corre e cresce
Por onde passa se esparrama
Como faz a melancia
Expandindo suas ramas
Vou por estas terras secas
Alimentando homens e plantas.

Primeiros passos

É difícil começar

O começo é um peso
Sonhar com a glória
Viver no desespero
Difícil dá os passos
Primeiro tropeçar
Cair e levantar
Calado e sem jeito
Difícil companheiro
Falta a nós experiência
Para um fluir rápido
Sobra desassossego
Complicado romper
Toda pedra é um tropeço
Saiba cada andarilho
O começo já é bem mais que o meio.

Quem no alto se encontra
E deseja o mar abraçar
Só há um caminho
Ladeira abaixo se jogar
Descer em velocidade
Sentir as pedras cortar
Aventura alucinante
Que não possibilita parar
Quando a queda é maior
Precipito segurando o ar
Formo uma bela cachoeira
Feliz me vejo a cantar
A vida mostra-me os prazeres
Que desejo gozar
Encantos alucinantes

Que me fazem delirar
A imagem que formo
É para todos contemplar
Se deliciar em meu corpo
Do meu corpo se saciar.

Desço veloz meu destino
Pouco vejo pouco escuto
Sou vítima da gravidade
Arrasto-me ao escuro
No turbilhão do existir
Minha existência é tudo.
Meu correr se faz constante
Deixo-me levar em pulos
Vejo apenas a luz do sol
Ou as estrelas no céu noturno
A infância é do assombro
De saborear o doce fruto.
Fluo na debilidade
Cavalgo a terra sem rumo
Sou uma veia do Globo
Que vibra sem plumo
Sou engrenagem da máquina
Necessário sou ao mundo.

Minhas Estações

Não sou sempre igual
No tamanho vario
Sou eu mesmo um rio.
Não sou sempre igual

Às vezes sou grande
Sou eu um gigante.
Não sou sempre igual
Há tempo que peno
Sou um rio pequeno.
Não sou sempre igual
Sou chuva que corre
Dependo da sorte.
Não sou sempre igual
Sou rio como todos
Não reto sou torto.
Não sou sempre igual
Sou eu algo forte
Furacão sem norte.
Não sou sempre igual
Sou todo energia
Singular profecia.

Em agosto estou fraco
Desaparecendo aos poucos
Anêmico vou penando
Padecendo no sufoco
Um ser em convalescência
Água apenas em poços.
Em novembro olho o céu
O sol encontra-se pesado
Algumas nuvens aparecem
Os dias estão mais claros
A esperança retorna
Meu sonho revigorado.
Dezembro é o mês da glória

Chuva precipita do céu
Volto a ser um rio forte
Minhas águas são puro mel
Esqueço tudo que passou
Degusto minha lua de mel.

Pelas Margens do Rio

Quando à planície
Água amansada
Consigo ver tudo
Ler minha jornada.
Vejo o boi pastar
No alto da serra
Vejo o passarinho
Ao redor a selva.
Sinto-me um toque
Uma boca a sugar
Sou parte do outro
Vou a sede saciar.
Vejo amarelo
Brilhante ouro
Vejo garimpeiro
Buscando tesouro.
Sobre meu líquido
Uma canoa passou
Arrepio de prazer
Gozando em amor.
Vejo linda mulher
Um homem ao lado
Felizes a passar

Como namorados.
Vejo o pescador
Por hora parado
Quieto e inerte
Querendo pescado.
Vejo o machado
A motosserra cantar
Tombo a árvore
Fico a chorar.
Vejo muito pouco
Vejo o que convém
Não vejo o que quero
Vejo muito além.
Sou um rio perene
Seco ou cheio sou
Vejo como posso
Vejo o que passou.

Meus afluentes

Todo ser que se coloca
Grande na sua estrutura
Enorme não é sozinho
Necessita de ajuda
Precisa do outro para
Seguir sua feliz jornada
Alimentando a sua gula.

Afluentes vou engolindo
Por ser mais forte e grande
Eles curvam ao meu poder

Minha força se agiganta
Disparo precipitando
Sem saber o resultado
Do final que me espanta.

Eu sou a veia principal
Deste sistema singular
Eu sou a artéria mestra
Que carece sempre pulsar
Sou imã magnetizador
Furto seu sangue salvador
Sou um canibal exemplar.

Os seres

No meu corpo
Temos traíras
No meu corpo
Temos pacus
No meu corpo
Temos peixes
No meu corpo
O cururu.
Pela água
Desce terra
Pela água
Desce lama
Pela água
Desce barro
Pela água
A iguana.

No meu leito
Muita areia
No meu leito
Muitas pedras
No meu leito
Muito lodo
No meu leito
Perereca.
Pelas margens
Verde capim
Pelas margens
Roxa rosa
Pelas margens
Preto carvão
Pelas margens
Abóboras.

Reflexão

Sou um ser, meu amigo
Em mim, pulsa a chama
Em mim, tirita a vida
Nasci para correr feliz
Nasci por isto existo
Como tu és, sou vivo.

Não sei a razão certa
Da existência viva
Não sei a razão certa
Do perecer da vida
Sei e sinto o existir

Viver é tudo para mim
Se não tivesse vivo?
O que seria do todo?
O que seria da vida?
A vida só existe
Porque no mundo estou
Sem o meu personagem
Não haveria teatro
Não haveria enredo
Não teríamos humor.

É dolorido a foz
Chegar ao final do fim
Do grande redemoinho
Glória do caminhante
Vitória do caminho
Ser grande e pequeno
Parar o que começou
Alegrar porque venceu
Chorar porque terminou
Contentar-se com o destino.
É duro é dolorido
Relembrar o que passou
Lamentar por não poder
Continuar a andar
Sonhar com novas lutas
Passar ao infinito
Sem saber o que fazer
Privado da doce voz
Calando o meu grito.

O gosto de encher
De se esvaziar
O gosto de crescer
De se apequenar
Gosto de ser sugado
Alimentando plantas
Gosto de ser sorvido
Alimentando bichos
Gosto de esparramar
Tomar grande vastidão
Gosto feliz de romãs
Latentes no coração
Gosto amargo de fel
Sensações adversas
Muitas vezes perversas
Fonte divina do céu.

Do meu nascer ao padecer
Há um enorme traço
Algo que se estende
Que vai em embaraço
Uma história narrada
Sem pernas e sem braços
Ponto central do existir
Progride tão rápido
Vida vivida viva
Síntese inexplicável.

Padecimentos

Fui sempre um rio valente

Poderoso no meu viver
O respeito a mim era grande
Não tinha porque padecer
Caminhava felizmente
Desconhecendo o sofrer.
Era um mar de alegria
Água doce e mineral
A mata tomava tudo
Só passava o sideral
Nossa fauna em harmonia
O meu presente genial.
É que aparece o homem
Todo pintado de branco
Com ideias descabidas
Vinham se achando santo
Tomaram tudo para si
Deixando-me pelo canto.
Primeiro veio o machado
Árvores tombadas ao chão
Veio depois a picareta
Minérios roubados do chão
Veio por fim o esgoto
Afogando-me em poluição.
Não tenho mais vida normal
Perdi a graça de viver
Se agora ainda corro
É por coisa outra não saber
Vou vivendo tristemente
Sem gosto nenhum de prazer.
Eles ignoram seus atos
Não pensam que a minha morte

Levará em cadeia um mundo
Não pensam que a minha morte
Será o perecer deles
Que a vida não é só sorte.
Quando um rio desaparece
Desaparece a vida
A vida em abundância
Em abundância e rica
Rica em fauna e flora
Fauna e flora bendita.
Já não sou como fui um dia
Estou ferido e doente
Necessito de cuidados
Não vislumbro nada à frente
Vou carregando minha cruz
Em meio a labaredas quentes.
Morrer por completo não vou
Renascerei por períodos
Não serei mais um rio normal
Serei bicho destemido
Quando seco bem seco
Quando cheio um monstro vivo.
A preocupação maior
Não é com o meu existir
Será com meus dependentes
Que se sentirão infeliz
Faltando comer e beber
Serão obrigados a partir.
Alguns gritam preservação
Outros querem me ajudar
Alguns poucos preocupam

Nada fazem para mudar
A situação só agrava
Sofro e não para de chorar.
Vou arrastando as correntes
Vou vivendo as minhas dores
O presente é o que tenho
Já não tenho mais amores
O destino a Deus pertence
Dão espinhos quero flores.

Esperança

O momento é péssimo
Não há o que comemorar
Mesmo assim tenho a fé
De minha vida melhorar
O presente é de choro
O futuro vou aguardar.

Agarro à esperança
Não levo rancor no peito
Peço a Deus boa colheita
Um presente de respeito
Para um ambiente pleno
Para o nosso proveito.

Minha Foz

Tudo que começa
Ou que se inicia
Parará num ponto

Como em romaria
Feliz na chegada
Por glória vencida.
Olhar para frente
Ver a foz da vida
Com luz amarela
Vermelha sabida
Com mortalha preta
E velas acendidas.
Remando a sina
Vou contando os dias
Com passadas lentas
Medo da calmaria
Do abraço mortal
Do sol que se irradia.
Deslizar para o mar
Em margens compridas
Ser sugado em goles
Gostosa bebida
Sucumbir no todo
Desfazer a vida.
É hora do final
Desonra maldita
Despencar no fogo
Faltando energia
Desejar retornar
À minha partida.
O que valeu remar
Em paz esquisita
Vencer as batalhas
Alegrar de alegria

Para num momento
Ser água engolida.
Vou ao outro lado
Mistério da vida
Dormi para sempre
Em dor dolorida
Transpor grande ponte
Deixar esta vida.

Ponto Final

E agora que chego
Sem mais poder cantar
Sou levado ao fim
Sem mais poder falar
Vou ao buraco fundo
Sem mais poder andar
Vou ao esquecimento
Sem mais poder nadar
Vou me destruindo
Sem mais poder gritar
Vou para onde sair
Sem mais poder olhar
Vou cumprindo o rito
Sem mais poder voltar.

Prazer

O bom de ser um rio
É que sempre nasço
Morro todos os dias

Nasço e desfaço
A beleza da foz
Não ver os pedaços
Não ver o meu corpo
Não ver onde nasço
Sou um todo completo
Com pouco compasso
Sou um pequeno rio
Que corre aos saltos
Germinando vida
Deixando um recado
De paz e harmonia
Por onde eu passo.

Meu Tempo

Houve tempo que não tinha
Que este corpo eu não havia
Que na vida só escuridão
Que a razão não existia
Tempo houve que não tinha
Apenas uma voz que dizia
Do nascer de um ribeirão
Que nestes campos correria.

Houve tempo sem luz minha
Longo caminho passaria
Perdido eu na imensidão
Flutuando na calmaria
Tempo houve sem luz minha
Em meio ao nada me perdia

Sem voz sem imaginação
Faltando vida padecia.

Haverá um tempo sem mim
Quando a Terra se explodir
E a luz virar escuridão
Não poderei mais me sentir
Um tempo haverá sem mim
Longa estação a comprimir
As memórias explodirão
Flutuarei sem existir.

Haverá um tempo sem mim
Grande melancolia a fluir
Ponto em rota de colisão
O infinito a me engolir
Um tempo haverá sem mim
Obrigando-me à lei cumprir
Fazendo jus a criação
A própria lei a me corrigir.

Algo a Dizer

Não durmo nunca
Os dias e as noites
São nuances para mim
Minha vida é alegrar-se
Sempre e sempre avante
A arrastar troncos
A espalhar areia
A cavar fundo a terra

Quantos já beberam
Da minha doce água?
Quantos desses
Já se foram?
Enquanto isso
Aqui estou
Firme e forte
Por não dormir
Existo eternamente.

A vida de um rio
É penar e penar
Correr sem rumo
Abrir os braços
E se alagar
O rio não escolheu ser rio
Rio foi feito para rio ser
Se minha natureza é assim
Vou crescendo como rio
Pois nasci rio
Por ser um rio
Busco a foz
Igual ao canoeiro
Que precisa remar
Como todo rio
Em sua plena natureza
Juntar minhas águas
As águas do mar.



Luiz Carlos Marques Cardoso, nascido a 21 de fevereiro de 1979, na pacata cidade de Água Quente, hoje, Érico Cardoso, na Bahia. Um sertanejo que aprendeu a amar sua terra, o Sertão. Ainda criança transferiu-se, juntamente com toda a família, para a sede do município vizinho Paramirim. Lá estudou e cresceu. Formou-se sem muitos encantos. Com o passar dos anos, foi tocado pela literatura. Voltou a estudar. Formou-se em Ciência Contábeis. Agora, neste singelo momento, concluiu seu segundo livro. Afluente do São Francisco, Rio Paramirim.